

Opening/Inauguração
20.05.2018

DRAWING AFRICA ON THE MAP

MARLENE DUMAS
WILLIAM KENTRIDGE
MOSHEKWA LANGA
GARETH NYANDORO
BAHIA SHEHAB

“What does it mean to say that something is a drawing – as opposed to a fundamentally different form, such as a photograph? First of all, arriving at the image is a process, a frozen instant. Drawing for me is about fluidity. There may be a vague sense of what you’re going to draw but things occur during the process that may modify, consolidate or shed doubts on what you know. So drawing is a testing of ideas; a slow-motion version of thought. It does not arrive instantly like a photograph. The uncertain and imprecise way of constructing a drawing is sometimes a model of how to construct meaning. What ends in clarity does not begin that way”

Carolyn Christov-Bakargiev in conversation with William Kentridge, p.8 from William Kentridge, Phaidon, 1999

QUETZAL
ART CENTRE

During the festival Evora Africa in Evora, the Quetzal Art Centre will present the exhibition *Drawing Africa on the Map*; an exhibition bringing together artists from different parts of the African continent sharing artistic roots within the fragile and compelling medium of drawing, and leaving all an important footprint on African contemporary art and discourse. The exhibition is set around a solo presentation by Gareth Nyandoro (b. 1982, Zimbabwe) entitled *Ku4* (meaning *Ruwa Urban Zone*), whose art practice is marked by drawing impressions of the material and mental constructs of the urban sphere of economical exchange and aspiration. Within his work he alternates and combines three dimensional objects and two dimensional collages, by using a various pallet of found, on-hand materials, and ad hoc and traditional craft techniques, dubbed by himself as ‘Kuchekacheka’.

Alongside Nyandoro’s presentation the art centre will show works from Collection de Bruin-Heijn within the framework of the festival. A group of early and rarely shown intimate drawings by Marlene Dumas (b. Kaapstad, 1953) made between the late seventies and early nineties and emphasizing the beginning of the key topics of ‘love, death, and desire’ within her oeuvre, are shown next to doodle-like and poetic drawings by Moshekwa Langa (b.1975, Limpopo, South Africa). Langa approaches the artistic process as an anthropological study of the self, whereby he works with different media and uses the medium of drawing as a manner of mapping autobiographical content; alternating text, figuration, and abstraction.

Another artist from the collection is South African artist William Kentridge (b.1955) of whom the films *Ten Drawings for Projection* will be shown. The film series are short animated films, each lasting no more than ten minutes, made between 1989 and 2011, that exemplify Kentridge’s signature animated drawing technique. Together, the films tell the story of the battle between his alter egos – romantic artist Felix Teitelbaum and heartless capitalist Soho Eckstein, set against the backdrop of Kentridge’s hometown Johannesburg and the remaining inequality and struggles of a white man in post-apartheid South Africa.

The Egyptian/ Libanese artist, activist and scholar of the Arabic script Bahia Shehab (b. 1977) will show a mural tracing the chronological evolution of one letter form; the Lam-alif (which means NO in Arabic) entitled *A Thousand Times No*. The work originates from an invitation to participate in an exhibition commemorating 100 year of Islamic art in Europe, under the curatorial condition of using the Islamic script for the proposed work. As a manner of resistance against stereotyping, Shehab felt an urge to say ‘No’, a forceful no, emphasized within the Arabic language by stating ‘no, and a thousand times no’. This urge triggered her to research everything ever produced under Islamic patronage stating the word ‘No’ within the past 1400 years from Spain to the borders of China and propose the found scripts as a booklet and art work for the exhibition. During the Arabic Revolution in 2011 the word and typography of Shehab’s ‘No’ not only symbolized a personal statement, but simultaneously became a symbol of collective resistance against the Egyptian regime.

Durante o festival Evor’Africa, em Évora, o Quetzal Art Centre apresentará a exposição *Drawing Africa on the Map* [Desenhando África no mapa]; uma mostra que juntará artistas de diferentes regiões do continente Africano, partilhando as suas raízes artísticas através do frágil e cativante suporte que é o desenho. Cada um à sua maneira, estes são artistas que têm deixado marcas importantes na cena alargada da arte e do discurso Africano contemporâneo. A exposição constrói-se em torno da apresentação individual de Gareth Nyandoro (n. 1982, Zimbabwe) com o título *Ku4* (que significa Zona Urbana de Ruwe). A prática deste artista é marcada pelos desenhos baseados nas suas impressões sobre as construções mentais e materiais inerentes à esfera urbana da troca económica. No seu trabalho, ele intercala e combina objetos tridimensionais e colagens bidimensionais, utilizando uma paleta variada de materiais encontrados e técnicas artesanais tradicionais e improvisadas a que chama «Kuchekacheka».

No contexto do Festival e acompanhando a exposição de Nyandoro, o Centro de Arte apresenta uma seleção trabalhos da Coleção de Bruin-Heijn. Um conjunto de desenhos íntimos, raramente mostrados, do início de carreira de Marlene Dumas (n. Kaapstad, 1953), produzidos entre o final dos anos 1970 e o final dos 1990, sublinham a importância dos temas do «amor, morte e desejo» na obra da artista. Estes trabalhos são expostos ao lado dos desenhos poéticos de Moshekwa Langa (n. 1975, Limpopo, África do Sul). Langa aborda o processo artístico como um estudo antropológico do eu, utilizando diferentes suportes e o desenho em particular como uma forma de mapear conteúdos autobiográficos; sempre alternando entre texto, figuração e abstração.

Outro artista da coleção é o sul-africano William Kentridge (n. 1955), do qual mostraremos os filmes *Ten Drawings for Projection* [Dez desenhos para projeção]. Esta série de curtas-metragens animadas, nenhuma excedendo os dez minutos, foi produzida entre 1989 e 2011 e oferece bons exemplos da técnica singular de desenho animado de Kentridge. No seu conjunto, os filmes contam a história da luta entre dois alter egos – o artista romântico Felix Teitelbaum e o capitalista impiedoso Soho Eckstein, tendo como pano de fundo a cidade natal de Kentridge, Joanesburgo, e a desigualdade e lutas remanescentes de um homem branco na África do Sul pós-apartheid.

A artista, ativista e académica egípcia e libanesa, Bahia Shehab (n. 1977) apresentará um mural tipográfico com o título *Mil vezes não*. O trabalho foi produzido no contexto de um convite para participar numa exposição comemorando 100 anos de arte islâmica na Europa, sob a condição curatorial de utilizar caligrafia islâmica no trabalho proposto. Uma forma de combater os estereótipos, Shehab sentiu a necessidade de dizer «Não», um vigoroso não, destacado na língua árabe pela declaração «não, mil vezes não». Esta necessidade levou-a a investigar todas as expressões islâmicas da palavra «não» nos últimos 1400 anos, da península Ibérica até às fronteiras da China, apresentando os grafemas que encontrou na forma de uma brochura e um trabalho artístico que apresentou numa exposição. Durante a Primavera Árabe em 2011, a palavra e a tipografia do «Não» de Shehab não era apenas uma posição pessoal, mas simbolizava a resistência coletiva contra o regime Egípcio.

Marlene Dumas / Moshekwa Langa

Especialmente para esta exposição, o Centro de Arte Quetzal criou um espaço separado para mostrar um conjunto de desenhos íntimos, raramente mostrados, do início de carreira de Marlene Dumas (n. 1953, South Africa) produzidos entre o final dos anos 1970 e o final dos 1990, que sublinham o aparecimento dos temas essenciais da obra da artista. Estes trabalhos são expostos ao lado dos desenhos poéticos do início de carreira de Moshekwa Langa (n. 1975, Limpopo, África do Sul), mapeando o seu mundo interior.

Dumas holds an extensive archive of widely spread imagery found in newspapers and magazines, which she uses as a starting point for her paintings and drawings. By using blurry, and water colour inspired brushstrokes and colours Dumas creates a personal, emotional yet analytical distant relation to her protagonists, whereby she does not shy away from controversial topics, nor political issues, and often finds inspiration within early art historical motifs.

The majority of the drawings that are shown mark the beginning of Dumas' career in Amsterdam, and mostly map her early days of people, situations and poetic thoughts within the city, already addressing important themes such as love, birth, death and desire.

Marlene Dumas came to the Netherlands in the '70s to study at Ateliers '63 in Haarlem. On completing her study, Dumas settled in Amsterdam, where she still lives and works today. Significant for her early and later career is her outstanding, and autonomous position within the discourse of contemporary painting. A position which led to global recognition, and an extensive amount of solo exhibitions within the most prestigious institutions and museums across the world, spanning the East, West, North and southern continents.

Moshekwa Langa (b. 1975, Bakenberg, South Africa) uses a wide pallet of different materials and media, from intimate, poetic and textual drawings to large scale installations build up of found materials and constructed forms and fabrics. Key to his oeuvre is his creation of a world set around longing, or nostalgia and traces of his every day life, amongst people and places, mapping an autobiographical self-journey. The drawings on display are made between 1998 and 2001 and depict short text bits and poetic lines, alongside figurative, doodle-like drawings. The works on view emphasize the beginning for his later "mind mapping" drawings, whereby the figurative elements more and more melted into abstract colour fields and single word-statements.

Moshekwa Langa was an artist in residence at the Rijksakademie van Beeldende Kunsten in Amsterdam 1997-98. Rising to international prominence in the late 1990s, Langa was and still is an active participant in what is now considered the golden age of biennales, including those of Johannesburg (1997), Istanbul (1997), Havana (1997), São Paulo (1998 and 2010), Gwangju (2000), Venice (2003 and 2009), Lyon (2011), and the upcoming Dakar and Berlin biennial, amongst many other exhibitions. Moshekwa Langa currently lives and works in between Paris, Amsterdam and South Africa.

Dumas possui um enorme arquivo de imagens encontradas em jornais e revistas, que ela usa como ponto de partida para as suas pinturas e desenhos. Utilizando pinceladas e cores difusas e inspiradas, com as suas aguarelas Dumas cria uma relação pessoal e emocional, mas também analítica e distante, com os seus protagonistas. A artista não evita temas ou assuntos políticos controversos e encontra amíúde inspiração em motivos históricos da arte antiga. A maioria dos seus desenhos aqui mostrados datam do princípio da carreira da artista em Amesterdão. Já abordando aqueles que iriam ser os seus temas essenciais, como o amor, o nascimento, a morte e o desejo, na sua maioria estes desenhos resultam do mapeamento das suas relações pessoais, situações e pensamentos poéticos que experimenta na cidade.

Dumas possui um enorme arquivo de imagens encontradas em jornais e revistas, que ela usa como ponto de partida para as suas pinturas e desenhos. Utilizando pinceladas e cores difusas e inspiradas, com as suas aguarelas Dumas cria uma relação pessoal e emocional, mas também analítica e distante, com os seus protagonistas. A artista não evita temas ou assuntos políticos controversos e encontra amíúde inspiração em motivos históricos da arte antiga. A maioria dos seus desenhos aqui mostrados datam do princípio da carreira da artista em Amesterdão. Já abordando aqueles que iriam ser os seus temas essenciais, como o amor, o nascimento, a morte e o desejo, na sua maioria estes desenhos resultam do mapeamento das suas relações pessoais, situações e pensamentos poéticos que experimenta na cidade.

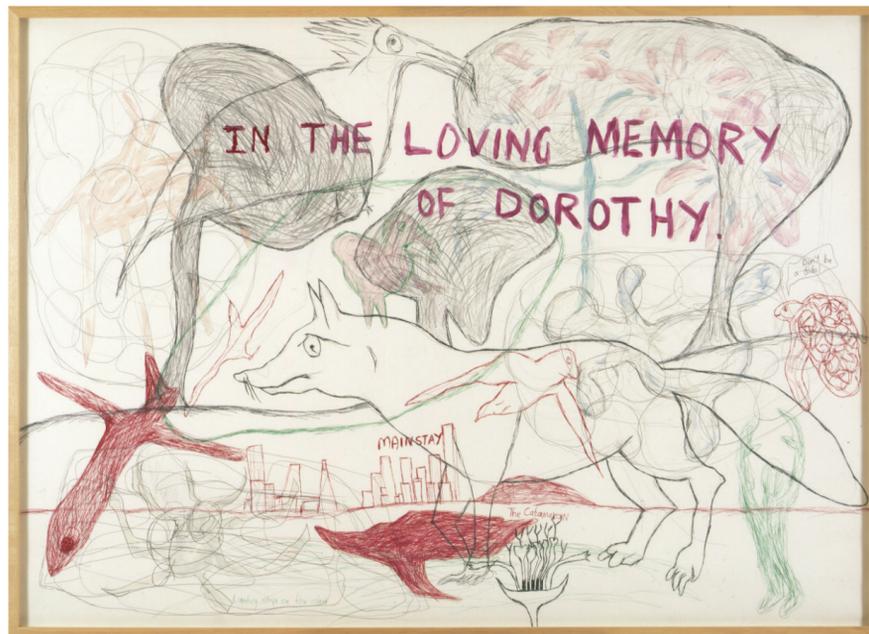
Marlene Dumas mudou-se para os Países Baixos nos anos 1970 para estudar em Ateliers '63 em Haarlem. Completando os seus estudos, Dumas instalou-se em Amesterdão, onde ainda hoje vive e trabalha. Um fator importante na sua carreira é a sua posição autónoma e destacada do discurso da pintura contemporânea. Esta é uma posição que levou ao seu reconhecimento internacional e a um grande número de exposições individuais em importantes instituições e museus um pouco por todo o mundo.

Moshekwa Langa (n. 1975, Bakenberg, África do Sul) utiliza uma paleta variada de materiais e suportes, incluindo desenhos íntimos, poéticos e textuais, mas também instalações de grande formato feitas com objetos encontrados e têxteis e formas construídas. Essencial no seu trabalho, é a criação de um cenário nostálgico e saudoso que inclui elementos do seu dia-a-dia entre as pessoas e os lugares, mapeando uma viagem autobiográfica. Os desenhos aqui mostrados foram feitos entre 1998 e 2001 e representam fragmentos de textos poéticos ao lado de desenhos figurativos. Estes trabalhos assinalam o primeiro momento daqueles que viriam a ser os seus desenhos de "mind mapping", nos quais os elementos figurativos se dissolvem em superfícies de cor abstratas e afirmações de uma só palavra.

Moshekwa Langa foi artista em residência na Rijksakademie van Beeldende Kunsten, em Amesterdão, entre 1997 e 1998. Ganhando renome internacional no final dos anos 1990, Langa foi também um participante ativo na idade de ouro das bienais, incluindo as de Joanesburgo (1997), Istanbul (1997), Havana (1997), São Paulo (1998 e 2010), Gwangju (2000), Veneza (2003 e 2009), Lyon (2011), e as próximas bienais de Dakar e Berlim, entre muitas outras exposições. Moshekwa Langa vive entre Paris, Amesterdão e a África do Sul.



Marlene Dumas
Cain + Abel (Twins), 1989
watercolour and pencil on paper
29,5 x 29,5 cm (framed: 46 x 42 cm)



Moshekwa Langa
(In the loving memory of Dorothy), 1999
coloured pencil, ballpoint pens and watercolour on paper
98 x 138 cm (framed: 104,5 x 145 cm)



Moshekwa Langa
You will find us in the best places, 2000
ink and watercolour on paper
23,5 x 45,5 cm (framed: 51,3 x 39,3 x 2,6 cm)

Gareth Nyandoro

The exhibition *Drawing Africa on the Map* is set around a solo presentation by Gareth Nyandoro (Zimbabwe, 1982) entitled *Ku4*, referring to the Ruwa Urban Zone. The exhibition is composed of large drawings, collages and second-hand objects found within the Alentejo region used as surfaces that draw his subjects to three dimensional proportions, using a mixture of traditional African craft techniques, dubbed by himself as 'Kuchekacheka'. Nyandoro's art practice is marked by the material and mental constructs of the urban sphere of economical exchange and aspiration.

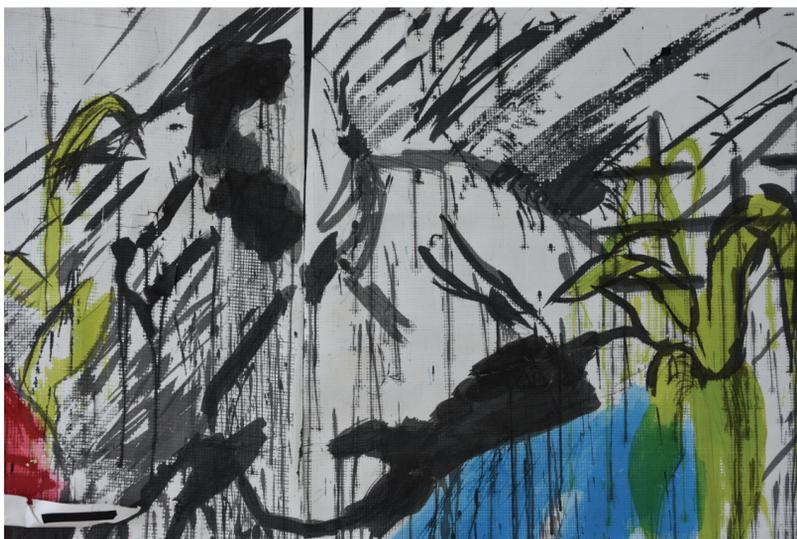
He creates mise-en-scènes without directional plot or narrative, mapping a story line of props based upon a wire of non-linear thoughts and encounters. Here traditional metal lunch or storage boxes found on local Portuguese flea markets frame a selection of human figures, opposed to life-size drawings depicting abstract lush patterns and colours, and structures reminding of the most basic form of human sheds. By using found objects dealing with subjects of financial exchange as surfaces for a contemporary type of iconography and storytelling opposed to the most natural and basic of human needs, Nyandoro aims at drawing parallels between the utopian idea and strive of materialism marking the urban environment, and the escapism of poverty connected to the rural sphere, most often connected to the direct location of his exhibition.

Gareth Nyandoro was born in Bikita, Zimbabwe in 1982. He obtained a National Diploma in Fine Art from Harare Polytechnic in 2003 before going on to continue his studies in Creative Arts and Design at Chinhoyi University of Technology, Zimbabwe, qualifying in 2008. In 2014 and 2015, Nyandoro was a resident artist at the Rijksakademie van Beeldende Kunsten in Amsterdam, The Netherlands. Since his debut solo exhibition titled "Mutariri" at the National Gallery of Zimbabwe in 2012, Nyandoro has exhibited widely on the African Continent and internationally.

A exposição *Drawing Africa on the Map* [Desenhando África no mapa] constrói-se em torno de uma apresentação individual de Gareth Nyandoro (Zimbabwe, 1982) com o título *Ku4*, referindo-se à Zona Urbana de Ruwa. A exposição é composta por grandes desenhos, colagens e objetos em segunda mão encontrados na região do Alentejo, que usou como superfícies para dar proporções tridimensionais aos seus motivos utilizando uma mistura de técnicas artesanais africanas a que ele se refere como «Kuchekacheka». A prática artística de Nyandoro é marcada pelas construções materiais e mentais da esfera urbana de troca e aspiração económica.

O artista encena situações sem continuidade narrativa, mapeando uma história através dos seus adereços e baseado num novelo de pensamentos e encontros não-lineares. Aqui, lancheiras e outras caixas metálicas encontradas em feiras da ladra em Portugal emolduram um grupo de figuras humanas, opondo-se aos desenhos em tamanho real representando formas abstratas com padrões e cores exuberantes, mas também estruturas reminiscentes de cabanas muito simples. Utilizando objetos encontrados para abordar os temas das trocas económicas e como suporte para um tipo de iconografia e narrativa contemporânea, que opõe à mais básica e natural das necessidades humanas, Nyandoro procura encontrar paralelos entre o ideal utópico e materialista que caracteriza os nossos ambientes urbanos, e o escapismo da pobreza que associamos ao mundo rural, que muitas vezes vemos associado ao contexto das suas exposições.

Gareth Nyandoro nasceu em Bikita, Zimbabwe, em 1982. Terminou os estudos em Belas Artes no Politécnico de Harare em 2003, tendo continuado os seus estudos na área das Artes Criativas e Design na Chinhoyi University of Technology, Zimbabwe, curso que completou em 2008. Em 2014 e 2015, Nyandoro foi artista em residência na Rijksakademie van Beeldende Kunsten, em Amesterdão, nos Países Baixos. Desde a sua primeira exposição individual, «Mutariri», na National Gallery do Zimbabwe, em 2012, Nyandoro tem exposto com regularidade no continente Africano e internacionalmente.



Detail of exhibition *Ku4* by Gareth Nyandoro



William Kentridge

William Kentridge was born in 1955 in Johannesburg (South Africa) where he still lives today. Kentridge gained international acclaim for his short film series (*Ten Drawings for Projection* (1989-2011), shown at the Quetzal art Centre amongst other works within this exhibition. *Ten Drawings for Projection* is an animated film series telling the rise and fall of the wealthy and heartless businessman Soho Eckstein and his romantic, insecure alter-ego Felix Teitlebaum. The first film of this series, *Johannesburg, 2nd Greatest City After Paris*, was created in 1989 only five years prior to the end of apartheid in South Africa, unfolding as a narrative within the other 9 films to the 21st century through the passage of history itself. Soho's life is one of conflict where on one hand he takes full advantage of his white bourgeois status while Felix acts as his moral compass.

Kentridge uses the medium of drawing as a reflection of the complexity of South Africa's history of pre- and post apartheid, conflating his autobiography with that of fictional characters. His narratives are constructed through blue ink and black charcoal on paper as an instant reflection of thought, unfolding as individual drawings, prints, animated films, theatre and opera productions. Within his art practice Kentridge poses the human conditions, and conflicts arising from trauma as a recurring theme. A theme rooted within South Africa's history, though presented as a metaphorical and universal emotion showing the individual effects of political inequality, injustice and abuse. Reminding of the early twentieth-century expressionists, and early Soviet artists and filmmakers. Thinking of all his works as drawings, his animation technique of rarely exceeding sixty drawings per animation, and filming the drawing process of shaping the image through erasure and re-shaping, emphasizes this attitude and creates an undistinguished relation and tension between its maker and the construction of the narrative within the beholder's mind.

William Kentridge developed a unique oeuvre combining drawing, film, theatre and performance and attracted international attention when his work was shown in 1997 at the Johannesburg and Havana Biennial and at Documenta X in Kassel. He has had solo exhibitions, and his work has been included in group exhibitions in many important institutions and museums across the globe.

William Kentridge nasceu em 1955 em Joanesburgo (África do Sul), a cidade onde hoje vive e trabalha. Kentridge ganhou fama com a sua série de curtas-metragens de animação (*Ten Drawings for Projection* (1989-2011), que agora são mostrados no Centro de Arte Quetzal com os outros trabalhos presentes nesta exposição. *Ten Drawings for Projection* [Dez desenhos para projeção] é uma série de filmes animados que nos contam sobre a ascensão e queda do rico e cruel homem de negócios Soho Eckstein e do seu inseguro e romântico alter ego, Felix Teitlebaum. O primeiro dos filmes da série, *Johannesburg, 2nd Greatest City After Paris* [Joanesburgo, a 2ª melhor cidade depois de Paris], foi criado em 1989, cinco anos antes do fim do apartheid na África do Sul. Juntamente com os outros nove filmes, este trabalho desdobra-se numa narrativa que se estende, seguindo o desenrolar da própria história, até ao século XXI. Soho é um personagem em conflito consigo próprio; enquanto tira todo o proveito da sua posição social de homem branco, Felix desempenha a função de guia moral.

Kentridge usa o suporte do desenho para refletir sobre a complexidade da história da África do Sul, antes e depois do apartheid, misturando elementos autobiográficos com personagens ficticiais. As suas narrativas são construídas com tinta azul e carvão sobre papel, reflexos instantâneos do seu pensamento que se materializam como desenhos individuais, impressões, filmes animados, teatro e produções de ópera. Através da sua prática artística, Kentridge explora recorrentemente os temas da condição humana e dos conflitos que surgem de situações traumáticas. Um tema enraizado na história da África do Sul que é apresentado através de emoções universais e metáforas que revelam os efeitos da desigualdade política, da injustiça e do abuso sobre os indivíduos.

O seu trabalho é reminiscente dos expressionistas do século XX e dos primeiros artistas e realizadores de cinema soviéticos. Classificando todos os seus trabalhos como desenhos, a sua técnica de animação raramente excede os sessenta desenhos por curta-metragem e implica a filmagem do processo de desenho, que forma a imagem através de rasura e de modelação. Isto cria uma relação de proximidade e tensão entre o artista e a construção da narrativa na mente do espectador.

William Kentridge desenvolveu uma obra singular que combina desenho, cinema, teatro e performance. O seu trabalho atraiu atenção internacional quando foi mostrado em 1997 nas bienais de Joanesburgo e Havana, e também na Documenta X, em Kassel. Conta com diversas exposições individuais e coletivas em muitos museus e instituições de renome um pouco por todo o mundo.



William Kentridge
Levitation, 1996
charcoal and pastel on paper
168,5 x 107 cm (framed: 178,5 x 116 cm)

Bahia Shehab

Bahia Shehab (b. 1977) is an Egyptian artist, designer and art historian. She combines Islamic art history with contemporary Arab politics and feminist discourse within her art practice, activism and academic work, whereby she uses the traditional technique of calligraphy within the realm of urban graffiti as a pacifist tool for resistance. Her work brings to the forefront issues pertaining to political and economic injustices, as well as personal issues and gender-based violations, reflecting her conviction that art is a tool for change that can provoke people to leave their comfort zone and engage in action for justice.

As an engaged and committed “calligraffiti” artist, Bahia’s project *A Thousand Times No*, is a series of graffiti images based upon one thousand ways of writing “no” in Arabic. The work originates from an invitation to participate in an exhibition commemorating 100 year of Islamic art in Europe, under the curatorial condition of using the Islamic script for the proposed work. As a manner of resistance against stereotyping, Shehab felt an urge to say ‘No’, a forceful no, emphasized within the Arabic language by stating ‘no, and a thousand times no’. This urge triggered her to research everything ever produced under Islamic patronage stating the word ‘No’ within the past 1400 years from Spain to the borders of China and propose the found scripts as a booklet and art work for the exhibition. During the Arabic Revolution in 2011 the word and typography of Shehab’s ‘No’ not only symbolized a personal statement, but simultaneously became a symbol of collective resistance against the Egyptian regime.

Bahia Shehab’s work has been displayed in exhibitions, galleries and on the streets of cities in many parts of the world. In 2016 Bahia Shehab was the recipient of the annual Prince Claus Award, in the same year she was the first woman to receive the UNESCO Sharjah Prize for Arab Culture, and she was shortlisted for the Jameel Prize 4, an international award for contemporary art and design inspired by Islamic tradition.

Bahia Shehab (b. 1977) é uma artista, designer e historiadora de arte egípcia. Na sua prática artística, ativismo e trabalho académico, Shehab combina história da arte islâmica, política árabe contemporânea e discursos feministas utilizando a técnica tradicional da caligrafia no contexto do graffiti urbano como uma ferramenta pacifista de resistência. O seu trabalho releva os temas da injustiça política e económica, assim como assuntos pessoais e violência de género, espelhando a sua convicção de que a arte é uma ferramenta para a mudança com o potencial de tirar as pessoas das suas zonas de conforto, instigando-as a lutar por um mundo mais justo.

Uma artista “calligraffiti” empenhada, o seu projeto *No, a Thousand Times No* [Não, mil vezes não] é uma série de imagens de graffiti, baseada em mil formas de escrever “não” em árabe. O trabalho foi produzido no contexto de um convite para participar numa exposição comemorando 100 anos de arte islâmica na Europa, sob a condição curatorial de utilizar caligrafia islâmica no trabalho proposto. Uma forma de combater os estereótipos, Shehab sentiu a necessidade de dizer ‘Não’, um vigoroso não, destacado na língua árabe pela declaração ‘não, mil vezes não’. Esta necessidade levou-a a investigar todas as expressões islâmicas da palavra ‘não’ nos últimos 1400 anos, da península Ibérica até às fronteiras da China, apresentando os grafemas que encontrou na forma de uma brochura e um trabalho artístico que apresentou numa exposição. Durante a Primavera Árabe em 2011, a palavra e a tipografia do ‘Não’ de Shehab não era apenas uma posição pessoal, mas simbolizava a resistência coletiva contra o regime Egípcio.

O trabalho de Bahia Shehab foi apresentado em exposições, galerias e nas ruas de cidades um pouco por todo o mundo. Em 2016, Bahia Shehab ganhou o prémio anual Prince Claus, e, no mesmo ano, foi a primeira mulher a receber o prémio UNESCO Sharjah para a Cultura Árabe, tendo sido nomeada para o Jameel Prize 4, um prémio internacional para a arte e design contemporâneos inspirados pela tradição Islâmica.

The exhibition is on view from
Wednesday 23 May 2018

Opening hours

Summer

10h-20h on Wednesday, Thursday and Sunday
10h-24h on Friday and Saturday

Winter (from 31/10/2018)

10h-18h on Wednesday, Thursday and Sunday
10h-24h on Friday and Saturday

Bahia Shehab
A Thousand Times NO, 2010-current
stickers, dimensions variable

Quetzal Art Centre
Quinta do Quetzal
Estrada das Sesmarias
7960 Vidigueira Portugal
T +351 284 441 618
reservas@quintadoquetzal.com

Curator Aveline de Bruin
Assistant curator Jeanine Hofland
Graphic design Lotte Schröder

WWW.QUINTADOQUETZAL.COM